

VITÓRIA INDECISA;

COSTUMES DO SERTÃO¹

Octavio da Costa Dourado

Novela escrita para Odila Magno da Silva



[45]² Badalava a igreja da Freguesia a Ave-Maria. Na quietude normal daquela hora, tudo tinha um tom de santidade e pureza religiosa. No largo da Ermida ainda se notava um regular movimento de mercadores que se iam retirando para o almejado repouso da noite. Momentos depois de soar a Ave-Maria, os poucos transeuntes que ali se notavam foram alarmados com o tropel violento de um cavaleiro sertanejo, que estancando o seu fogo pampa, ensanguentado na boca e todo suado, soltou a ruidosa exclamação:

— Venceram o Mané do Riachão lá na cova do Juca!

A nova era misteriosa e sobressaltou todos que a ouviram. Céleres correram aqueles homens e mulheres a espalhar aos quatro ventos a sensacional notícia. Poucos instantes se passaram e por toda a aldeia foi divulgado o acontecimento. Homens, mulheres e crianças, indivíduos de toda a casta, desciam lentamente a encosta do Padre Bento, para ganharem

¹ DOURADO, Octavio da Costa. *Vitória indecisa; costumes do sertão*. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 39, p. 45-7, 29 set. 1917.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

numa profusão compacta a beira do rio que conduzia à estrada do Areal até o braço esquerdo da pedreira, onde existia ainda, o antigo rancho de Joaquim Pequeno com a sua cabana em ruínas. Nessa pequena aldeia do nordeste de Minas, era por todos que ali habitavam, respeitado e reputado o nome de Manoel do Riachão: um cantador de desafios que habitava numa ribanceira, acima da cabeceira de um pequeno rio, por ele mesmo denominado “Riachão da Preta”, por haver em outra época, morto ali mesmo, uma onça preta, que era o terror daquele sertão. Eis o motivo da antonomásia que lhe deram. A psicologia e história de aventuras desse ousado sertanejo eram de sobejo conhecidas e estavam mesmo gravadas no íntimo de toda gente que ali existia como também dos habitantes das povoações limítrofes. As qualidades primordiais que o faziam célebre naquele sítio eram a valentia desmedida e rude, o manejo de viola e principalmente o canto do desafio. A choça que ele morava, distante da aldeia légua e meia, estava situada em pleno sertão, na cabeceira do Riachão da Preta.

Desde o primeiro entroncamento no mato alto onde fazia a curva o rio, avistava-se um grande rochedo escuro, coberto de mato, tendo ao lado uma palmeira muito velha sem a cúpula e abaixo, pouco distante, a choça em feitio chinês, coberta com a fronde daquela palmeira esguia que marcava esse lugarejo e servia de guia aos habitantes da aldeia. A porta desse casebre era salientada por uma grande pele negra luzidia de onça. Eis em ligeiros traços o perfil do sertanejo que ali vivia: um caboclo de cerca de quarenta anos, de compleição fortíssima; o peito largo e alevantado, as pernas e os braços de uma rigidez de aço, a estatura de gigante e da cor do bronze, com os cabelos lisos, negros e brilhantes. A história desse herói das selvas era,

como já disse, por demais conhecida naquelas paragens. Todos os dias santificados descia e pacatamente demandava a aldeia trazendo embaixo do braço a viola para cantar o desafio com outros sertanejos que infelizmente sofriam a derrota. A principal delícia dos habitantes da aldeia consistia em ouvir um canto de desafio por Manoel do Riachão.

Essa fama vasta que ele adquirira, provinha do fato incontestável de nunca haver sido vencido nas múltiplas pugnas em que se empenhava, cantando o desafio à viola, desde quando menino com os seus companheiros de aldeia. Causava mesmo um frenético entusiasmo, naqueles rústicos aldeões, a peleja da viola com qualquer conterrâneo e a vitória final que era sempre delirantemente aclamada.

Estávamos nos últimos dias de Junho, quando o prado sob um sol momo, trescalava um perfume acre e bizarro de ervas novas e flores silvestres. No campanário da Ermida soava o meio-dia. Uma numerosa plebe de devotos, seguia a passo lento, a estrada do Areal, para assistir ao ofício religioso em comemoração a São João, e sobretudo, para deleitar-se com um número de desafio sensacional, feito a Manoel do Riachão, pelo principal membro de uma empresa de saltimbancos, proprietária de um circo mambembe que pela primeira vez ali se instalara. Negro, de barba grisalha, alto, rosto largo, tez bruta, e olhos salientes, espadaúdo, fisionomia que inspirava terror, era o todo desse histrião que pelos companheiros de peregrinação era cognominado Juca do Norte. O desafio à viola que se ia travar no adro da igreja, que para isso havia sido engalanado com flores, ramos de árvores gigantescas, folhas de mangueiras, palmas e leques de carnaúba, fora motivado pela inqualificável presunção e vaidade caprichosa desse crioulo nortista que foi espalhar ali, a sua fama de invencível cantador

de desafios. Apregoeou pernosticamente e em termos bombásticos as suas qualidades neste gênero e afirmou que havia, em uma peregrinação penosa pelos sertões do Brasil, cantado sempre com os mais ousados e célebres trovadores, o desafio à viola, sem nunca se ter deixado vencer. Seria a primeira vez, mas duvidava muito, dizia ele.

Estavam todos presos de uma ansiedade inaudita. Havia ao lado da humilde Ermida, uma espécie de palanquete construído com madeiras verdes, circundado de folhagens e ornamentado com belos pendões de flores vermelhas como sangue, pendurados com cascas de guaxuma. Nele se ostentavam um crioulo agigantado, carrancudo e feio que era Juca do Norte e o mediador que era um negociante de quinquilharias chamado Joaquim Pequeno. Todos os moradores da aldeia ali se achavam ansiosos para assistir o desafio à viola que prometia ser espantoso e cujo resultado deixaria por certo, uma tradição àquela aldeia. Havia grande confusão com os toques da fanfarra, gritos, chulas, cantigas provocantes e sambas ruidosos.

Manoel do Riachão, por quem todos ansiavam, apareceu afinal, sobraçando a sua viola, aparentando isenção de ânimo. Trazia na cabeça um chapéu de palha de abas largas e no cinturão espesso de couro velho, uma garrucha e uma faca pontiaguda sem bainha, que reluzia e ofuscava a vista. Foi um delírio a sua chegada: as aclamações partiam de todos os lados e não cessavam. Juca do Norte perfilou-se e descobriu-se. Subiu ao palanque Manoel do Riachão e tirou o chapéu agradecendo a manifestação. Ato contínuo, lançou a seu competidor o seguinte repto: era a primeira vez que um aventureiro ousava desafiá-lo para cantar à viola ao lado da igreja onde

tantas e tantas vitórias contara, portanto exigia a condição de morrer àquele que fosse vencido!

Era toda a vaidade do sertanejo que se sentia apoucado ante a ameaça daquele negro do Norte que nunca vira. Traduzia aquele repto também a segurança plena e a convicção absoluta em sua veia poética infatigável.

O pacto foi aceito; nem podia deixar de ser porque ali não se admitia covardia. Juca do Norte franziu a testa, pigarreou e depois de concordar com a proposta, segurou a viola, gingou um pouco e deu começo a afinação. Manoel do Riachão depois de se preparar, voltou-se para o nortista. O mediador deu o tempo. Juca do Norte, bamboleando fez um trejeito acentuado e saiu:

— *Só Mané do Riachão;
nada agora faz temê;
quem perdê a cantiga,
tem mêmo que morrê.*

Manoel do Riachão, retruca:

— *Só Juca lá do Norte,
eu só muito carola;
na cantiga a S. João,
ti levo na viola.*

Volta Juca do Norte:

— *Só Mané do Riachão,
a onça bebe no rio;
ocê é bom e quebra,
mas não ganha desafio.*

Responde Manoel do Riachão :

— *Sô negro feio do Norte,
vem com a tua solapa;
mas abre ôio no pinho,
qui isto não é garapa.*

[46] Neste tom continuaram sempre sob a atmosfera tumultuária da gente inculta que desejava pendesse a vitória para Manoel do Riachão. Muitas horas se passaram sem o menor desfalecimento de ambos que mutuamente glosavam os epítetos ofensivos, lembrados pelos assistentes partidários. Era a hora melancólica da Ave-Maria e aquele aprazível e encantador sítio cobria-se com o véu da noite. Pela estrada do Areal que conduzia á Ermida, já desciam precipitadamente, muitos homens, mulheres e crianças, que debandavam temerosos, augurando desgraças em consequência de acontecimentos funestos e dolorosos que se faziam bem prováveis... Aqueles que fatigadamente fugiam sob a intuição natural de grandes males não erravam em sua profecia.

Era já noite; os ânimos se exaltavam e as ameaças e insultos partiam de todos os lados. O ambiente era todo pavor. Tudo fazia acreditar que se maquinava ali à luz mortíca dos candeeiros a óleo, uma desforra terrível para vingar os doestos que a Manoel do Riachão dirigia uma corja de negros africanos que fanaticamente apoiava Juca do Norte. Estava lá prestes a se desencadear entre aquela multidão, composta em sua totalidade de almas rudes, uma tempestade de ferro, fogo e sangue. Deus, porém, que olhava e protegia aquela humilde igrejinha, não consentiu que ali se perpetrasse tamanho sacrilégio. Fez cair sobre toda a aldeia uma tremenda tempestade e um tufão terrível, que muitas choupanas abateram. Então sob um alarido infernal, aquelas criaturas rústicas fugiram, atingidas pelas bâtegas da água que impetuosa já inundava. O terrível desafio, entretanto, não acabou e mediante combinação, feita pelo mediador aos famosos cantadores, ele deveria terminar dois dias depois no rancho do Joaquim Pequeno, no braço

esquerdo da pedreira. A noite tempestuosa se passara sem outros malefícios.

No dia seguinte já todos ansiavam pela pugna que deveria decidir a vitória. Aquele começo, cheio de peripécias e imprevistos, deixara uma depressão bem forte e suscitara mesmo um encendido ódio e desejo de vingança naqueles denodados sertanejos. Os adeptos de Manoel do Riachão se armavam de garruchas e afiadas fochas para, diziam, garantir a viola de seu patrício... Aqueles negros brancos seriam escorraçados e até trucidados, se matassem Manoel do Riachão; era a voz geral.

A tarde desse mesmo dia correu a versão de que um crime bárbaro se havia consumado: um daqueles negros tinha afogado num rio distante da aldeia o filho de Joaquim Pequeno por ter asseverado que seu pai daria a vitória a Manoel do Riachão.

A indignação cresceu como também os desejos férreos de vingança. No dia seguinte, o rancho de Joaquim Pequeno não estava enfeitado, mas havia uma tenda de folhagem destinada aos contendores.

Juca do Norte chegando, negou o crime que imputavam aos seus. A assistência era grande e todos murmuravam.

Joaquim Pequeno, não só se absteve de julgar o desafio, como jurava vingança pelo desaparecimento de seu filho. Afinaram-se as violas e o desafio começou. No primeiro tempo nada de anormal e enquanto eles disputavam, espectadores se entregavam a outros divertimentos, como a fanfarra e o samba. Já haviam decorrido quatro horas e a noite aquele sítio tirara toda a luz. Acenderam-se os archotes e todos voltaram a atenção para o desafio quando Juca do Norte lançou em um dos seus versos uma sátira a Manoel do Riachão chamando-o de assassino. Tornou-se intensa a

exaltação dos ânimos e cada qual lançou um repto ao cantador estranho e aos seus asseclas. Estes corresponderam no mesmo tom. O som barulhento da fanfarra conseguiu minorar a exacerbação daqueles espíritos obcecados pelo ódio incontido.

Inesperadamente surgiu a notícia de que um incêndio terrível vindo das matas devorara a cabana de Manoel do Riachão. Foi então indescritível o que ocorreu naquele sítio. Todos eram unânimes em imputar a autoria do fogo aos negros estrangeiros. Mil insultos, réplicas, desafios violentos, foram trocados ali, entre aqueles habitantes do sertão que já se empenhavam na mais encarniçada luta. O desafio, entretanto, continuava. Súbito, Juca do Norte, parou, abriu desmesuradamente os olhos, fixou-os em seu contendor, estendeu os braços, deixou repentinamente cair a viola e soltando um gemido profundo, tombou fragorosamente por terra. Havia sido apunhalado no ventre.

Manoel do Riachão ficou aterrorizado e procurou fugir quando o verdadeiro pânico se estabeleceu. Aos repetidos tiros das garruchas se misturam os gritos lancinantes das vítimas que tombavam exangues. Aquele desastrado sítio estava envolto nas trevas pois os archotes jaziam sem luz ao chão, fumegantes. Só de instante a instante, clareava, pelos relâmpagos dos fuzis. A choça do Joaquim Pequeno que dali pouco distava, se converteu momentaneamente em lúgubre fogueira, espalhando cinzas e brasas e iluminando aquele teatro de sangue. Um pavor sobrenatural se apoderou dos mais encarniçados contendores obrigando-os à final debandada e fuga precipitada que era feita para o interior das matas. Manoel do Riachão travou luta corporal com um negro inimigo que lhe detonou a garrucha na

perna esquerda e só conseguiu desvencilhar-se do temível sanguinário depois de estrangulá-lo.

Duas horas depois, aquele maldito campo recuperou afinal o silêncio e quem naquele instante por ali passasse, veria com certeza um amontoado de cinzas que ainda fumegavam, armas pela estrada em fora, grandes nódoas negras no chão, deixadas pelo sangue dos infelizes que naquela hora jaziam inertes.

Algum tempo se passou e aquela rústica aldeia entrou na sua vida habitual. Alguns indivíduos mais humanitários sepultaram pela beira da estrada os destroços humanos daquela noite infernal.

A impressão do sinistro não desaparecera de todo e as atenções se voltaram para Manoel do Riachão de quem ninguém sabia o paradeiro. Manoel do Riachão se invalidara em consequência da lesão física que sofrera. Fora tratado por um amigo e depois resolveu abandonar aldeia, arrastando-se para o sítio onde fora destruída a sua cabana. Depois de haver reconstruído com os recursos do mato a sua humilde choça, nela se enfunou jurando a todos os deuses não mais cantar o desafio.

Os tempos se passaram e esse sertanejo devido ao seu estado precário de saúde foi-se deixando obcecar por uma visão terrível que sempre o acompanhava. A vitória! A vitória! Esta expressão mística ele ouvia misticamente, em som cavo, partir do interior da mata nas noites angustiosas de insônia porque passava. Pouco se alimentava e um horrível mal já lhe minara de todo o organismo. A lembrança cruel daquela noite funesta não só o atormentava como também enchia o seu cérebro de remorsos e maus pressentimentos por haver cooperado de modo direto para aquele cataclismo de sangue.

Todos os detalhes e circunstâncias fatais daquela noite medonha e tenebrosa estavam gravadas com nitidez absoluta em seu cérebro que se alienava ao peso de tão grande infortúnio! O herói daquelas selvas já se sentia alquebrado com um depauperamento físico quase total. O seu poder mental se achava demasiadamente enfraquecido e desfalcado dos principais elementos de estabilidade. Em consequência disso, acreditava ver constantemente espectros, monstros de formas variadas e abantesmas lúgubres. Essas aparições tétricas lhe apareciam de preferência durante as noites de apatia e delírio crônico.

Muito tempo se passou. Certa vez aconteceu que, a todos os tristes e inevitáveis padecimentos de Riachão juntou-se a mais sarcástica das ilusões óticas. O seu espírito superexcitado por tais comoções, entendeu que uma voz lhe chamava em tom imperativo. Alta noite já, depois de ouvir repetidas pancadas num dos esteios de seu tugúrio, caminhou vacilante, tateando nas trevas e contemplou melancolicamente a vastidão da mata.

Horror! A mais horrenda das visões se lhe depara. Ali, na margem do rio, uma multidão de negros seminus se deleitava em uma dança macabra e agitava chocalhos, numa azoada infernal. Juca do Norte, no centro, sobraçava e tangia uma viola lançando um repto ao inimigo:

*– Cante, cante, Riachão,
cante a demo tô hino!
Vamo para cruz santa,
sô covarde assassino!*

Em ânsias, num desespero inaudito, o sertanejo retrocedeu, coxeando, e num rasgo de audácia pegou a viola para cantar o desafio!... Percebeu entretanto, que o bando de negros se distanciava como que fugindo. Trôpego, mas sem desfalecimento, ele o acompanhou obstinadamente.

Muito andaram e eis que ganhando a estrada do Areal foram parar no antigo rancho do Joaquim Pequeno. Manoel do Riachão, que momentos depois ali chegou, viu-se, repentinamente envolvido pela legião de negros que compunha a caravana fantástica. Vítima de um sarcasmo feroz, foi compelido por ameaças escabrosas a disputar o desafio. Cruel utopia! Em sua frente, a dois passos, percebia [47] claramente a figura visionária do falecido Juca do Norte! Ele tinha os olhos esbugalhados e úmidos de sangue; a fisionomia cadavérica; as mãos ossudas e ensanguentadas e as pernas longas perceptíveis até os joelhos se agitavam numa flexibilidade inapreciável. Era o terceiro desafio que havia de decidir a vitória!

Manoel do Riachão ouviu a primeira sátira:

— *Agora Mané do Riachão,
vâmo continuá a cantiga;
mas não traga o sô capanga,
para mi furá a barriga.*

Riachão respondeu:

— *Sô Juca lá do Norte,
toque a sua viola;
eu não tenho capangas,
nem sôu seu mariola.*

Assim continuando, se empenharam na mais titânica pugna. Ora um, ora outro, na ânsia de vencer e derrotar se precipitaram acaloradamente naquele certame rude, vasado em versos veementes, fazendo prever uma sucessão sem limites. Glosaram todos os motejos no tom mais carregado. Manoel do Riachão sentia que a fraqueza dominava-lhe o peito, mas fez um esforço para não esmorecer.

Recordou-se do seu tempo de moço e concluiu que o medo era um mau sintoma de covardia. Momentaneamente à sua vista transmudou-se a figura execrável do nortista em um monstro de formas indefinidas. Manoel do

Riachão longe de se intimidar, disse que bem sabia estar cantando com um êmulo de satanás encarnado naquele negro maldito. Nesse instante lhe pareceu que tudo tinha ruído ante a seus pés, tudo se metamorfoseou subitamente ante os seus olhos num amontoado de pedras tendo ao alto enterrada uma grande cruz preta. Era a catacumba de Juca do Norte. Manoel do Riachão, num esforço supremo, fixando com os olhos vítreos aquela funérea cruz, viu desolado as forças lhe abandonarem e num estertor de extrema agonia, cerrou os lábios quando cantando o último verso implorava às divindades o almejado alento. Debalde! O seu corpo exânime tombou por terra! Aquele titânico e porfiado desafio, ali se havia consumado e ambos sucumbiram em holocausto à glória.

No dia seguinte muita gente veio ver o epílogo do fatal duelo travado entre os mais célebres tocadores do sertão, mas para todos aquilo constituía um mistério doloroso, uma enigma indecifrável. O cavaleiro sertanejo que espalhara a notícia, providencialmente lembrou que na noite passada tinha marcado o primeiro aniversário da morte de Juca do Norte.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação digital: Rebeca Riga
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

